

LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL AFRODESCENDENTES NAS ANTILHAS

Fabiana dos Santos SOUSA*

RESUMO: Este artigo tem como proposta analisar o processo de construção da identidade cultural antilhana apresentando como elemento fundamental neste processo a literatura. Tal análise iniciará com algumas considerações acerca da formação histórica e econômica das Antilhas, seguida da apresentação de movimentos literários, como o da Negritude, que contribuíram de forma significativa para a construção identitária do afrodescendente antilhano, tanto o escritor como o negro em geral. Através do Movimento Literário da Negritude, o escritor afrodescendente antilhano busca, através da narrativa literária, “resgatar” as origens do ser negro a fim de desconstruir a imagem negativa e depreciativa que foi construída, a partir da visão do homem branco, e agregada à sua cultura e, com isso, mostrar a cultura afrodescendente vista por outro ângulo e, conseqüentemente, seu valor. Tomaremos como exemplo a escritora afrodescendente Maryse Condé, uma das maiores representantes da literatura antilhana. Para fundamentar este trabalho nos valeremos de autores como Stuart Hall (2003a, 2003b), Butel (2007), Maximin (1996), Glissant (2005), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Cultural. Afrodescendente. Literatura. Antilhas.

Aux Antilles, notre Science est plus noble et s'appuie Davantage sur les forces que sur les choses. Mais enfin, Comme me le recommandait Man Yaya : “Situ arrives au pays des culs-de-jatte, traîne-toi par terre!” (CONDÉ, 2012, p.88)¹.

As Antilhas, Caribe ou Caraíbas são um conjunto de ilhas da América Central, entre elas estão, Martinica e Guadalupe, as chamadas Pequenas Ilhas de língua francesa. Segundo Morales (1996), os primeiros escritos acerca dos habitantes e da paisagem das Antilhas nos chegaram por obras de missionários

* UNINASSAU - Faculdade Maurício de Nassau. Teresina – PI – Brasil. 64001-260. Faculdade Facid DeVry Brasil. Teresina – PI – Brasil. 64066-050 - jaimelavie30@outlook.com

¹ “Nas Antilhas, nossa ciência é mais nobre e se apóia antes nas forças que nas coisas. Mas, enfim, como me recomendava Man Yaya: ‘Em terras de sapos, de cócoras como eles!’” (CONDÉ, 1997, p.75).

que para lá foram enviados para ganhar as almas dos “selvagens” para a fé cristã. As medidas violentas e genocidas tomadas contra aqueles que resistiam ao desapossamento, mais o duro trabalho realizado nos canaviais e outras plantações de tabaco e frutas, foram responsáveis pelo extermínio de quase todas as populações aborígenas, em consequência, foi preciso importar mão-de-obra escrava.

Referindo-se à extensão territorial das ilhas Martinica e Guadalupe, Butel afirma que:

Dans un arc des îles de la Caraïbe de plus de 3000 kilomètres, de la Guyane à la Floride, les Antilles françaises – Martinique, Guadeloupe et ses dépendances, Saint-Barthélemy et Saint-Martin – n’occupant pas une superficie totale de 2.900 kilomètres carrés. [...] Les Antilles françaises sont des lieux chargés d’histoire, depuis leur fondation à l’époque de Richelieu jusqu’à leur complète intégration dans la nation par la loi de départementalisation de 1946. (BUTEL, 2007, p.9)².

No que concerne aos aspectos geográfico e histórico das Antilhas, Figueiredo afirma que Guadalupe é composta por duas outras ilhas e Martinica possui extensão territorial um pouco menor. A autora diz que os franceses tomaram posse das Pequenas Antilhas em 1635:

A Martinica e a Guadalupe pertencem às chamadas Pequenas Antilhas ou Ilhas do Vento; uma é separada da outra pela Dominica (ilha de língua inglesa). A Guadalupe, que é formada de duas ilhas, a Basse-Terre e a Grande-Terre, tem ainda as dependências de Marie-Galante, la Désirade, les Saintes, Saint-Bathélemy e a parte francesa de Saint-Martin, com a superfície total de 1709 km e uma população estimada de 330.000 habitantes. A Martinica tem mais ou menos a mesma população numa superfície um pouco menor, de 1100 km. Ambas as ilhas tornaram-se possessões da França em 1635, quando os franceses assumem as mesmas práticas espanholas, de extermínio ou expulsão dos Índios Caraíbas e de tráfico negreiro a fim de implantar o sistema de plantações de cana-de-açúcar. (FIGUEIREDO, 1998, p. 13).

² “Num arco de ilhas da Caraíba de mais de três mil quilômetros, da Guiana à Flórida, as Antilhas Francesas – Martinica e Guadalupe e suas dependências, Saint-Barthélemy e Saint-Martin – ocupam somente uma superfície de 2.900 quilômetros quadrados. [...] As Antilhas Francesas são lugares carregados de histórias, desde sua fundação à época de Richelieu até sua completa integração na nação pela lei de departamentalização de 1946.” (BUTEL, 2007, p.09, tradução nossa).

Para Morales, Colombo pensava ter chegado às Índias quando na verdade chegava à América Central:

Em 12 de outubro de 1492, Cristóvão Colombo acreditava haver chegado às Índias pela rota do Ocidente, quando o que fazia era dar entrada na ilha Guanahaní (Guarani), do pequeno arquipélago das atuais Bermudas, um pouco ao norte do largo anel insular das Antilhas. [...] Espanhóis, ingleses, franceses e holandeses desfilaram pelas ilhas, disputando-as por sua posição estratégica quanto à escala entre as posições continentais e as metrópoles europeias. O verdadeiro processo de colonização não se realiza senão até o século XVII, com fins fundamentalmente agrícolas. (MORALES, 1996, p.09).

De acordo com Butel, mesmo com as pretensões de François I de colonizar a Caraíba, foi preciso esperar o século XVII para que os franceses tomassem posse das Pequenas Antilhas a fim de criar suas colônias.

Les initiatives françaises faisaient partie d'un ensemble européen : les aventuriers anglais, hollandais et français commencèrent à négocier avec l'Indien ou avec le colon espagnol pour participer aux richesses de l'Eldorado, richesses considérablement grossies par la légende. Les États relayèrent ces initiatives, un Charles I d'Angleterre ou un Richelieu en France confièrent à d'audacieux capitaines « flisbutiers » la mission d'être les premiers pionniers et de fonder les colonies.(BUTEL, 2007, p.23)³.

No que diz respeito à diversidade cultural as Caraíbas, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) também lhe atribui um conceito, a saber:

As Caraíbas formam um todo com a América latina, suas características próprias não lhe escapam. Do ponto de vista cultural, as Caraíbas são um exemplo quase didático da pluralidade que dá origem à identidade de nossa América: seu conjunto é feito de múltiplos componentes indígenas, europeus, africanos e asiáticos que se entremisturam. (MAXIMIN, 1996, p.10).

³ "As iniciativas francesas faziam parte de um conjunto europeu: os aventureiros ingleses, holandeses e franceses começaram a negociar com o indiano ou o colono espanhol para participar das riquezas do Eldorado. Os estados retransmitiam essas iniciativas a um Charles I da Inglaterra ou um Richelieu na França conferem aos audaciosos capitães [...] a missão de serem os primeiros pioneiros e de fundar as colônias." (BUTEL, 2007, p. 23, tradução nossa).

Identidade essa que foi constituída a partir de processos como a colonização, que impõe sobre a cultura do colonizado sua hegemonizada cultura que se baseia numa pretensão de superioridade. Glissant (2005, p.15) afirma que, “[...] o Caribe foi o lugar do primeiro desembarque dos escravos vítimas do tráfico, dos africanos que vivenciaram o tráfico – e que depois eram orientados para a América do Norte, para o Brasil, ou para as ilhas da região.”

As Antilhas são conhecidas pela sua diversidade cultural e esses fatores são de ordem geográfica, histórica e econômica que deram origem a uma cultura crioulaizada. É o que afirma Glissant ao dizer que o mar caribenho é o espaço de encontros entre as mais diversas culturas, o que leva ao caráter da diversidade cultural antilhana:

O mar do Caribe é um mar que difrata e leva à efervescência da diversidade. Ele não é apenas um mar de trânsito e de passagens, mas é também um mar de encontros e de implicações. O que acontece no Caribe durante três séculos é, literalmente, o seguinte: um encontro de elementos culturais vindos de horizontes absolutamente diversos e que realmente se crioulaizam, realmente se imbricam e se confundem um no outro para dar nascimento a algo absolutamente imprevisível, absolutamente novo – a realidade crioula. (GLISSANT, 2005, p.17-18).

Desse processo histórico, econômico e social, é que nasce a literatura antilhana num contexto de escravidão e colonização, tendo seu auge no Movimento da Negritude que “[...] não é um fenômeno isolado; ela [Negritude] surge no momento em que as vanguardas europeias descobrem a arte africana e começam a pipocar movimentos negristas e modernistas na América.” (FIGUEIREDO, 1998, p.7).

A Negritude enquanto expressão literária e ideológica teve como líderes “Aimé Césaire (Martinica), Nicolás Guillén (Cuba), Langston Hughes e Claude McKay (Estados Unidos), Jacques Roumain (Haiti), e Léon Gontran Damas (Guiana Francesa).” (FIGUEIREDO, 1998, p. 7).

A partir dessa iniciativa, eles “[...] renovaram totalmente as imagens dos descendentes de escravos nos contextos nacionais das letras de seus respectivos países, criando uma literatura de identificação, feita do interior, a partir de experiências do par classe/raça.” (FIGUEIREDO, 1998, p. 7). Dessa forma, podemos afirmar ser a literatura, um elemento fundamental na construção da identidade antilhana.

A negritude busca revalorizar o negro, que se tornou vítima de preconceitos raciais desde a colonização. Reclama os princípios africanos, “[...] mas agora já exaltado pelas vanguardas europeias, rompendo com o racionalismo e a lógica ocidental, Césaire usa as armas, sobretudo do surrealismo para dinamitar o mundo colonial e dar início assim à literatura antilhana.” (FIGUEIREDO, 1998, p.8).

O estudo da literatura antilhana no Brasil iniciou-se nos cursos de pós-graduação no Rio de Janeiro pela professora Lilian Pestre, estudiosa da obra de Césaire. Em seguida o estudo acerca desta literatura se estendeu para o Rio Grande do Sul com a professora Zilá Bernd que foi a dinamizadora desta temática no país. É o que afirma Figueiredo ao descrever percurso da literatura antilhana no Brasil:

A literatura antilhana começou a ser introduzida nos cursos de Pós-Graduação no Brasil no início dos anos 1970 pela professora Lilian Pestre de Almeida, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tendo deixado aquela universidade no início dos anos 80, ela criou, na Universidade Federal Fluminense, um de Especialização e, em seguida, um Mestrado em Literaturas Francófonas. Grande especialista na obra de Césaire, a professora Lilian Pestre de Almeida publicou, pela UFF, o livro *O teatro negro de Aimé Césaire* (1978), além de inúmeros artigos em revistas e obras coletivas no exterior. A segunda universidade a criar um curso de mestrado com enfoque nas literaturas francófonas foi a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que teve na professora Zilá Bernd sua grande dinamizadora. [...] A Universidade de São Paulo não criou propriamente um curso de pós-graduação em literaturas francófonas, mas o professor Ítalo Caroni começou a se interessar pelas Antilhas desde o início dos anos 80, tendo escrito artigos e orientado teses. Ocupa lugar de destaque a professora Diva Barbaro Damato, [...], que publicou em 1996 *Édouard Glissant: poética e política*, sua tese de doutorado defendida em 1987 na própria USP. Os estudos sobre as Antilhas se ampliaram [...] Embora haja algumas teses defendidas e artigos publicados em anais de congressos e revistas, muitas vezes de difícil acesso, a bibliografia sobre as Antilhas é ainda muito escassa no Brasil, [...] (FIGUEIREDO, 1998, p. 10-11).

Nas palavras de Godoy (1999, p.61), “[...] toda literatura constrói, imagens, ideias, histórias, personagens; mais do que isso, constrói identidades. As literaturas hoje chamadas emergentes, por alguns, ou excêntricas, por outros, detêm-se

especialmente no sentido de afirmação de identidades.” A literatura das Antilhas, sendo ela emergente, tem essa função de afirmar a identidade do negro antilhano, de fazer reconhecer seus direitos e, principalmente, seus princípios culturais.

Para Godoy, a busca do reconhecimento dos sujeitos é fundamental no processo de construção ou reconstrução de identidades:

Significa buscar o reconhecimento dos sujeitos envolvidos nesse processo, o qual é construído (a) pela busca das prováveis origens desses sujeitos, (b) pela análise do lugar ocupado por eles no processo histórico, social e cultural, (c) pela (re)apropriação da voz – até então sufocada – e (d) pela criação de uma nova imagem – a (re)criação – despida das caricaturas e dos estigmas que soterram os sujeitos tomados como tais. (GODOY, 1999, p.62).

Para que o escritor e o negro antilhanos sejam reconhecidos, torna-se necessário um reencontro com a tradição cultural, quando, através do narrar, ele evoca a memória para construir a história do seu povo na tentativa de desconstruir os estereótipos negativos que os segregaram num espaço marginalizado, devolver-lhes a voz por séculos silenciada e desconstruir a imagem e representações negativas atribuídas ao negro ao longo dos tempos.

Em *A Identidade Cultural na pós-Modernidade*, Hall (2003a, p.9) cita o crítico cultural Kobena Mercer, que afirma que “[...] a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza.” É o que observamos no escritor antilhano, uma vez que ele busca seu ponto de origem, que não parece ser certo, busca suas raízes. É entendível essa preocupação em encontrar sua ancestralidade, visto que o processo sociocultural do negro foi:

Um processo de privatizações, de desenraizamento, de desterritorialização, de desvalorização de tudo aquilo que o constituiu como ser humano – a sua cultura, entendida, aqui, como um processo que envolve os padrões de comportamento, as crenças, os valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e caracterizadores de uma sociedade. (GODOY, 1999, p.62).

Essa condição humana do negro foi iniciada pelo sistema escravista que tentou depreciar a cultura e esvaziar a humanidade do negro, submetendo-o a condições de inferiorização que se baseou na sua invisibilidade – que se dá tanto através da formação de preconceitos como da exclusão social e depreciação dos seus valores culturais, religiosos e históricos.

Observamos que o negro tem a necessidade de identificar-se, ou seja, “[...] de registrar e avaliar – segundo sua própria ótica – as causas e consequências de sua intervenção social.” (PEREIRA; GOMES, 1988, p.37 apud GODOY, 1999, p. 62). Assim, a literatura se estabelece como estratégia de valoração da cultura, como elemento que compõe a identidade. A identificação é, portanto, um dos objetivos básicos do escritor negro no seu fazer literário.

Através das suas narrativas literárias, o negro problematiza sua condição humana nos espaços diaspóricos e reivindica a igualdade racial bem como afirma sua cultura ancestral, pois “[...] na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas [...]” (HALL, 2003b, p.27). Embora no Novo Mundo “[...] os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas [...]” (HALL, 2003b, p.27). Pois, na condição de escravo e colonizado, essa multiculturalidade não se dá de forma natural, visto que o colonizador tenta, de toda e qualquer forma, coibir a cultura do outro. É o que nos mostra Maryse Condé na obra *Moi, Tituba, sorcière... Noire de Salem*:

Quel était ce monde qui avait fait de moi une esclave, une orpheline, uma paria? Quel était ce monde qui me séparait des miens ? Qui m'obligeait à vivre parmi des gens qui ne parlaient pas ma langue, qui ne partageaient pas ma religion, dans un pays malgracieux, peu avenant ? (CONDÉ, 2012, p.81-82)⁴.

Tituba, a personagem protagonista, problematiza a situação em que vive na Diáspora. Ela não aceita o fato de ser uma escrava, de não poder falar sua língua e praticar sua religião. Foi essa a condição vivida pelo negro durante séculos, uma vez que, arrancado de sua cultura, ele era obrigado a vivenciar outros hábitos culturais que não os seus, inclusive se comunicar através de uma língua que não era a sua de origem. E é nesse momento que sua identidade cultural se torna múltipla.

Para Godoy o negro teve sua cultura sobrepujada pela cultura do branco, este ignorou a cultura daquele, o que se pode dizer que cada um tem sua cultura única, o que denominamos de pensamento raiz, conforme afirma a autora:

A cultura negra foi simplesmente suplantada pela cultura branca, o que equivale dizer que existe uma única cultura pertencente aos negros que foi preterida por uma também única cultura pertencente aos brancos”. A esse pensamento chamamos de pensamento de raiz. (GODOY, 1999, p.64).

⁴ “Que mundo era este, que tinha feito de mim uma escrava, uma órfã, uma pária? Que mundo era este, que me separava dos meus? Que me obrigava a viver entre gente que não falava a minha língua, que não compartilhava a minha religião, num país hostil, desagradável?” (CONDÉ, 1997, p. 70).

Para explicar o pensamento de raiz, nos valhamos das palavras de Deleuze e Guattari (1995) no que concerne à noção de raiz em oposição à de rizoma. Seguindo a classificação da botânica, quanto às raízes, eles se contiveram no grupo das raízes axiais, aquelas que têm um eixo principal do qual brotam pequenas raízes, e o das raízes rizomas, aquelas que “possuem um ponto de origem que aborta o eixo principal e do qual se ramifica um feixe de raízes, inúmeros fascículos igualmente desenvolvidas e que dispõem em todas as direções” (GODOY, 1999, p.64).

Considerando a teoria exposta anteriormente e assemelhando-a a noção de cultura, pode-se dizer que esta não possui uma origem única, mas provém de várias origens, ou seja, múltiplas procedências que são inatingíveis. Deleuze e Guattari afirmam que:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.37 apud GODOY, 1999, p.65).

Comportando a noção de raiz/rizoma à noção de identidade raiz e identidade rizoma, Glissant afirma que aquela é a identidade que se diz única, excluindo o outro, e esta, seria a “identidade como fator e como resultado de uma criouliização, ou seja, da identidade como rizoma, da identidade não mais de raiz única, mas como raiz indo ao encontro de outras raízes” (GLISSANT, 2005, p.27).

Considerando a identidade afrodescendente antilhana, podemos relacioná-la à identidade rizoma, visto que ela é resultado do diálogo de culturas de matriz africana com diversas outras culturas, ou seja, é uma identidade híbrida.

O híbrido é o espaço de interação de diversas estratégias de construção identitária (rizoma); ele subverte o conceito de origem ou identidade pura, exigindo o reconhecimento da diferença e rompendo com o projeto totalizante do discurso dominante. (GODOY, 1999, p.66).

É nesse espaço de interação entre as mais diversas culturas que a cultura antilhana vem dialogando com outras e construindo sua identidade: na convivência com o outro e sua maneira diferente de ser, o negro antilhano vem

exigindo seu reconhecimento e, assim, desconstruindo a hegemonia do discurso do colonizador.

Diante do exposto, podemos afirmar que, em meio ao turbulento e difícil processo de construção da história, cultura e economia das Antilhas, o afrodescendente antilhano, através da figura do escritor literário, vem buscando a afirmação/construção da sua identidade e a literatura atua como importante elemento nesse processo, pois, através das estratégias oferecidas pela narrativa literária, ele “resgata” sua cultura ancestral e, a partir do imaginário, reconstrói narrativas que contestam as “verdades” tidas como incontestáveis numa perspectiva de provocar mudanças futuras no que diz respeito à valorização da sua cultura, história e identidade.

Afro-descendant literature and cultural identity in the Antilles

ABSTRACT: *This article aims to analyze the process of construction of the Antillean cultural identity, presenting literature as a fundamental element in this process. This analysis begins by considering the historical and economic formation of the Antilles and then its literary movements such as Negritude, which contributed significantly to the identity construction of the Antillean Afro-descendants. Through the Literary Negritude Movement, the Antillean Afro-descendant writer seeks to “rescue” the origins of being black in order to deconstruct the negative and derogatory image that was created from the white man's view and, therefore, to show the Afro-descendant culture and its value from another perspective. We will study the example of the Afro-descendant writer Maryse Condé, one of the greatest representatives of the Antillean literature. To support this paper, we shall turn to Stuart Hall (2003), Butel (2007), Maximin (1996), Glissant (2005), among others.*

KEYWORDS: *Cultural Identity. Afro-descendant. Literature. The Antilles.*

REFERÊNCIAS

BUTEL, P. **Histoire des Antilles françaises: XVII^e – XX^e siècle.** Paris: Perrin, 2007.

CONDÉ, M. **Moi, Tituba, sorcière...Noire de Salem.** Paris: Mercure de France, 2012.

_____. **Eu, Tituba, feiticeira... Negra de Salem.** Tradução de Angela Melim. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE G.; GUATARRI, F. **Kafka:** por uma literatura menor. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FIGUEIREDO, E. **Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: EdUFF, 1998.

GLISSANT, É. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Ed.UFJF, 2005.

GODOY, A. B. de. Identidade Crioulizada:(re)construção de um novo homem. In: BERND, Z.; LOPES, C. G. (Org.). **Identidades e estéticas compósitas**. Porto Alegre: PPG – Letras UFRGS, 1999. p.61-81.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A. 2003a.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003b.

MAXIMIN, C. **Littératures caribéennes comparées**. Paris: Éditions Karthala. Pointe-à-Pitre: Éditions Jason, 1996.

MORALES, L. L. **Literatura Francófona: II América**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

